

## **O Patrimônio Cultural Imaterial dos Imigrantes Coreanos no Bom Retiro/SP**

**Rafael Galvão Monteiro<sup>1</sup>**

### **Resumo**

O objetivo deste artigo é investigar o patrimônio cultural imaterial dos imigrantes coreanos e seus descendentes no bairro do Bom Retiro em São Paulo. Por meio de levantamento bibliográfico, entrevistas com imigrantes coreanos adultos, e observação, pôde-se além de discutir a questão do patrimônio imaterial relativo a um grupo de imigrantes, tratar-se do tema da imigração coreana em São Paulo, e do histórico do bairro do Bom Retiro. Do período das chácaras ao bairro operário, e posteriormente bairro de imigrantes, o Bom Retiro que se transformou tantas vezes é hoje local de concentração da comunidade coreana em São Paulo. É neste local onde foram criadas as redes de sociabilidade que tanto fortalecem o crescimento de uma comunidade de imigrantes. Atualmente, a marca da cultura coreana é notada por qualquer frequentador do bairro, que percebe também a herança e a presença de outros grupos étnicos que dão ao Bom Retiro o seu perfil. É neste cenário que se estuda a convivência e as características culturais dos imigrantes coreanos como patrimônio imaterial paulistano.

**Palavras-chave:** Patrimônio imaterial. Bom Retiro/SP. Imigração coreana.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Turismo pela Universidade Anhembi Morumbi, onde desenvolveu pesquisa de Iniciação Científica sobre Educação Patrimonial. Mestrando em Hospitalidade pela mesma instituição, pesquisa Hospitalidade, Patrimônio Cultural e Imigração Coreana no bairro do Bom Retiro em São Paulo. Email: rafagmonteiro@gmail.com

## **Introdução**

A emigração coreana para o Brasil teve seu início na década de 1960, quando o governo coreano adotou uma política emigratória com o intuito de diminuir a concentração demográfica e os conflitos sociais. Diferentemente da imigração japonesa, o processo imigratório dos coreanos foi financiado e organizado pela população civil, que após a Revolução Militar de 1961 foi incentivada a prosperar em terras estrangeiras. Dentre os países americanos que receberam imigrantes coreanos a partir da década em questão, o Brasil está em terceiro lugar, precedido apenas pelos Estados Unidos e Canadá.

Apesar de tentativas não muito bem sucedidas de inserção na agricultura dos coreanos recém-chegados, foi no meio urbano que este grupo realmente se estabeleceu. Desde a fase oficial de imigração coreana em 1963, até a fase de imigração clandestina na década de 1980, esse grupo se concentrou em bairros centrais da cidade de São Paulo, como Liberdade, Brás e Bom Retiro.

O atual bairro do Bom Retiro que recebe grandes fluxos de visitantes diariamente atraídos pela vasta oferta de artigos de vestimentas, guarda também características singulares no que diz respeito à diversidade étnica e cultural. Seja representado em sua maioria pela comunidade coreana que ali reside atualmente, pelos judeus ainda presentes em menor número, pela invisibilidade dos bolivianos, pelos diversos outros grupos étnicos que no bairro deixam ou deixaram suas marcas, ou mesmo pelos migrantes nordestinos que também se mostram presentes, o Bom Retiro é um dos bairros mais cosmopolitas da capital do estado de São Paulo.

Nesse contexto, foi selecionado o grupo dos coreanos para estudar o legado cultural “construído” por imigrantes. O objetivo deste estudo é investigar o patrimônio cultural imaterial dos imigrantes coreanos e seus descendentes no bairro do Bom Retiro em São Paulo, sendo estes indivíduos a maioria étnica moradora e frequentadora do bairro.

Com o intuito de fundamentar a discussão teórica proposta, utilizou-se de estudos sobre imigração coreana no Brasil, como a pesquisa realizada por Choi (1991).

Foram consultados e referenciados também, autores como Santos (2000), Truzzi (2001) e Dertônio (1971) que tratam de temas como Bom Retiro e imigração em São Paulo. No que tange a discussão sobre patrimônio cultural, além dos autores consultados, utilizou-se principalmente dos trabalhos de Fonseca (2009), Toji (2007) e do trabalho organizado pela Superintendência do IPHAN em São Paulo (2010).

A presente análise contempla os resultados de pesquisa bibliográfica e de campo, esta última, realizada por meio de observações e entrevistas com seis imigrantes coreanos, nascidos entre os anos 1942 e 1967, dentre os quais apenas um é do sexo masculino. Este grupo selecionado chegou ao Brasil entre os anos 1965 e 1984 e se dedica à realização de atividades econômicas que variam da confecção e do comércio à educação.

Evidenciou-se por meio desta pesquisa o valor cultural das relações estabelecidas na comunidade coreana representada no Bom Retiro, e sua relação com o patrimônio imaterial deste grupo de imigrantes. São abordadas neste trabalho algumas referências culturais, tais como a culinária coreana, o comércio étnico e o golfe.

## **O BAIRRO DO BOM RETIRO**

Localizado na região central da cidade entre os bairros Brás, Campos Elíseos, Barra Funda, Luz e Santa Cecília, o Bom Retiro encontra-se em uma planície próxima ao rio Tietê, onde a elite paulistana mantinha suas chácaras do final da década de 1820 até o final da década de 1870.

Gradativamente, a paisagem rural da região transformou-se em urbana, principalmente impulsionada pela inauguração da estrada de ferro Santos-Jundiaí, que além da escoação da produção agrícola do interior para o litoral, trazia de Santos os milhares de imigrantes que vinham substituir a mão-de-obra escrava. A linha férrea não causou apenas o aumento populacional do entorno da estação, mas também fomentou o desenvolvimento de uma grande estrutura que servisse todas essas pessoas e demandas de serviços.

Por localizar-se em área de várzeas inundáveis, e separado fisicamente dos Campos Elíseos pela linha férrea, o Bom Retiro acabou isolado de comunicação com a

parte rica da região. De qualquer forma, a demanda por moradia popular criada pelo fluxo de imigrantes italianos principalmente, veio a ser conveniente também para os proprietários das terras do bairro.

O arruamento das chácaras fez com que o bairro saísse de seu isolamento, e com o intuito de aumentar o trânsito no bairro, iniciaram-se os loteamentos, e foi construído no antigo sobrado Bom Retiro, localizado na chacara homônima, a primeira Hospedaria de Imigrantes, que funcionou ali de 1882 a 1887, ano em que foi transferida para o bairro do Brás, onde funcionou até a década de 1970.

A constante chegada e permanência de imigrantes italianos no Bom Retiro e a instalação de fábricas deram cada vez mais um caráter operário ao bairro. De acordo com levantamento de Bandeira Junior em 1901 (SANTOS, 2000), a grande maioria dos operários das sete fábricas instaladas no bairro no ano em questão é imigrante.

Com toda a urbanização, o aumento populacional vertiginoso e mesmo com condições precárias de moradia em cortiços e vilas, o Bom Retiro não cessou em continuar recebendo grandes números de imigrantes de diferentes nacionalidades. De 1870 a 1890 predominaram os portugueses, entre 1900 e 1940 a maioria era italiana, de 1940 a 1970 o Bom Retiro transformou-se em um bairro de maioria judaica, contando também com a presença de gregos, e de 1970 até os dias atuais, concentram-se no bairro os coreanos e também bolivianos, que se estabeleceram lá a partir de 1980 e 1990 apesar de não terem até então deixado marcas tão visíveis como os grupos anteriormente mencionados (DERTÔNIO, 1971; TOJI, 2007)

Na década de 1920, imigrantes judeus provenientes de centros urbanos e acostumados a trabalhar no comércio, vindos principalmente da Rússia e da Polônia, começam a se estabelecer no bairro. De início, muitos se estabeleceram no Bom Retiro, não só em função da facilidade de transporte, tendo em vista que a nova Estação da Luz inaugurada em 1900 localizava-se no bairro, mas também por ser uma região onde os terrenos e aluguel eram baratos, já que era um bairro fabril e proletário, onde os mascates (profissão de muitos destes judeus) poderiam encontrar abertura para um mercado em pleno processo de urbanização.

Do trabalho de comerciante ambulante, estes judeus iniciaram os primeiros trabalhos no ramo de confecção e comercialização de roupas prontas. Esta atividade

econômica veio a mudar drasticamente as feições e o perfil do bairro até então operário. Aos poucos o número de imigrantes europeus de origem judaica passou a superar o número de italianos. Truzzi (2001, p.7) afirma que:

No início da década de 40, a parte alta do Bom Retiro assumiu características de um enclave étnico. O ambiente era francamente judeu: sinagogas, filmes falados e cantados em ídiche, pessoas portando barba e vestuário típicos, estabelecimentos que comercializavam alimentos próprios consumidos pela colônia etc. Os judeus lograram assim recriar, no Bom Retiro, um ambiente muito favorável, seja nos negócios que prosperavam, seja em termos de sua sociabilidade, cultura ou religião.

Gradativamente, aqueles judeus que já haviam se estabelecido no Bom Retiro começaram a criar e consolidar as primeiras redes de sociabilidade e solidariedade para que outros membros da comunidade pudessem fixar-se no bairro, incluindo os fluxos de imigrantes refugiados do pós-II Guerra. Póvoa (2007) menciona uma série de entidades que facilitavam a inserção e o estabelecimento da comunidade no bairro como a primeira sinagoga de São Paulo, escolas judaicas, entidades de caridade e assistência social, instituições de cunho econômico que apoiavam os recém-chegados e os inseriam no mercado de trabalho, instituições de crédito popular, entre outras.

É neste contexto que as famílias de imigrantes judeus que ali se estabeleceram inicialmente começam a mudar-se para bairros mais residenciais, em busca de melhor qualidade de vida, uma vez que já tinham alcançado poder econômico mais alto. A partir da década de 1950, muitos desses judeus passam a morar nos bairros próximos, Santa Cecília e Higienópolis, onde hoje a maioria reside e frequenta.

A partir da década de 1950, um grande movimento migratório no Brasil, fez o Bom Retiro sentir sua população inflar uma vez mais. Principalmente nordestinos, estes novos migrantes vão fixar-se também em áreas centrais menos valorizadas, onde poderão encontrar emprego e viver a um custo baixo. Essa onda de novos moradores estava principalmente dentre o grupo dos trabalhadores, ao contrário dos imigrantes judeus, e posteriormente coreanos, que chegaram a perfazer grande parte do número de empreendedores do bairro (SANTOS, 2000).

À medida que começaram a perceber o ramo da confecção como uma opção para sua sobrevivência na nova terra, sendo esta uma atividade que não necessitava de

grande capital inicial e envolvia baixos riscos, os recém-chegados coreanos foram aos poucos mudando para as regiões do Brás e Bom Retiro.

Como o Bom Retiro já tinha certa tradição na produção e venda de roupas, alguns coreanos passaram a trabalhar em oficinas de costura e lojas de roupas de judeus já estabelecidos no ramo, ou como prestadores de serviços terceirizados para os mesmos. Com o tempo, garra e vontade de enriquecer, muitos conseguiram iniciar seus próprios negócios, substituindo os antigos empreendedores.

Por trabalharem longas jornadas e empregarem a família toda, os coreanos conseguiam uma produção maior a custo inferior, o que lhes garantia mais competitividade no mercado. Aos poucos, foram ganhando o mercado e fixando-se no Bom Retiro como centro comercial da comunidade.

A partir da década de 1970 o Bom Retiro passou a ser marcado pela presença coreana, onde a comunidade criou vínculos fortes. A influência dos coreanos foi notada não só nas grandes reformas de apartamentos e de fachadas de lojas que lhes deram um ar de *shopping center*, mas também na dinâmica do comércio local.

Da mesma forma como aconteceu com os judeus, os coreanos perceberam que morar no Bom Retiro não lhes oferecia as vantagens de um bairro residencial, e já tendo se estabelecido financeiramente, começaram a mudar para bairros próximos como Higienópolis e Aclimação, de onde poderiam diariamente se locomover para o local de trabalho com facilidade.

Mais uma vez, a paisagem do Bom Retiro é alterada pelos novos moradores do bairro. As igrejas coreanas, restaurantes, mercearias e todo o resto do comércio étnico com seu estilo “oriental” e letreiros em caracteres coreanos dão nova roupagem a um bairro multicultural.

Mais recentemente, e finalmente, chegaram ao bairro grupos de sul-americanos, principalmente bolivianos, ou assim como são taxados todos os sul-americanos que procuram o Bom Retiro para trabalhar nas oficinas de costura. A situação de indocumentado muitas vezes força-os a aceitar condições de trabalho de semi-escavidão, evidenciando o caráter mais perverso deste sistema produtivo.

Justamente por não poderem mostrar-se a sociedade, sabe-se que a sua presença no Bom Retiro, assim como no Brás e no Pari é grande, este grupo tem uma presença

silenciosa como diz Silva (1995) em seus estudos sobre os imigrantes bolivianos. Este é o grupo de imigrante que menos tem sua cultura marcada na paisagem do bairro.

Hoje o Bom Retiro é um bairro misto, onde muitas pessoas trabalham e residem apesar de ter praticamente a metade do número de moradores que tinha na década de 1970. É o mesmo espaço que a maioria coreana, mas também judeus, gregos, bolivianos, nordestinos, italianos e paulistanos compartilham sem conflitos. De acordo com recenseamento de 2000, mais de 40% dos estrangeiros residentes no bairro são coreanos, seguidos dos bolivianos com quase 20%.

Caracterizado essencialmente pelo comércio e pela produção de roupas, o Bom Retiro é um pólo especializado na indústria de confecções, que segundo Kowarick (2007) conta com 2 mil unidades produtivas, 50 mil empregos diretos e recebe 70 mil compradores por dia.

O Bom Retiro é hoje um grande depositório da memória da cidade de São Paulo, do passado operário, da urbanização paulistana, do bairro de múltiplas identidades, da imigração de diversos grupos étnicos no país, da migração de nordestinos para o sudeste brasileiro, que formam um grande repertório de patrimônio cultural.

### **Patrimônio imaterial e os coreanos no Bom Retiro**

Mesmo figurando no Artigo 216 da Legislação Brasileira de 1988, a afirmação de que “constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira [...]”, foi somente em agosto de 2000, por meio do Decreto 3.551, que o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial foi instituído com o objetivo de “[viabilizar] projetos de identificação, reconhecimento, salvaguarda e promoção da dimensão imaterial do patrimônio cultural”, além de propor a implementação de políticas públicas e registro dessas referências culturais.

A medida tomada no intuito de valorizar o repertório intangível do patrimônio cultural veio trazer luz ao pensamento conservador, elitista, ocidental e até mesmo eurocêntrico dos meios de preservação até então existentes, que baseados no paradoxo

da imutabilidade do patrimônio, “[contrapunham-se] à noção de mudança ou transformação, e [centravam] a atenção mais no objeto e menos nos sentidos que lhe são atribuídos ao longo do tempo” (FONSECA, 2009, p.66).

Nesse contexto, pensar o patrimônio relativo aos imigrantes é inicialmente pensar em patrimônio imaterial, tendo em vista que ao deixar seu país de origem, estes bravos cidadãos do mundo abrem mão da materialidade da sua cultura e trazem consigo todo seu repertório intangível, como o saber, a técnica, o modo de pensar e agir. Ao se estabelecerem em suas novas terras, os imigrantes vão refazer suas vidas mesclando o seu saber “nativo” com aquele do local que o acolhe, para formar uma nova materialidade ou cenário que permite a existência dessas práticas culturais, aqui tratadas como patrimônio cultural imaterial.

Ao sair da Coreia, o imigrante que se estabelece no Brasil traz consigo, por exemplo, seus conhecimentos culinários passados de geração a geração no país de origem, e aqui irá, apesar da busca pelo “original”, adaptar-se aos ingredientes disponíveis, e ao gosto das gerações já nascidas no Brasil, assim como acontece com as variações no idioma. Será que por isso, o coreano falado aqui deixa de ser coreano? Como se chamaria esta variação? O objetivo não seria classificá-lo de forma a agregar ou depreciá-lo de valor, mas sim, de percebê-lo como forma de expressão da cultura coreana imigrante no Brasil, que por sua vez contribui para a formação da identidade nacional contemporânea.

O fenômeno, tratado hibridação, é o exemplo da identidade nacional brasileira. Ao referir-se à idéia de identidade nacional, Hall (2003, p.62) afirma que na atualidade não se pode falar de “um único povo”, mas de híbridos culturais. *Kasher, bulgogui, shabat, kye, bureka, kimchi, moussaka, salteña* e forró, são apenas algumas das palavras comumente pronunciadas no Bom Retiro que representam a multiculturalidade do bairro que é e sempre foi reduto de migrantes e imigrantes na região central da cidade.

Seja a convivência de forma mais próxima, em círculos de amizade ou apenas relações puramente comerciais, ela se dá nas ruas do bairro e no comércio que aparece como cenário de trocas entre os membros das mesmas comunidades, assim como trocas com indivíduos de grupos étnicos distintos. Cada uma dessas pessoas carrega consigo uma bagagem cultural diferente, assim como memórias individuais e coletivas que

formam o caldeirão cultural do Bom Retiro. É nesse contexto, portanto, que o Bom Retiro se mostra como exemplo de estudo sobre patrimônio cultural.

Vale relatar aqui os esforços até agora realizados pela 9ª Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico nacional (9ª SR/IPHAN) em São Paulo para que o projeto Multiculturalismo em Situação Urbana: Inventário de Referências Culturais do Bom Retiro pudesse estar atualmente em desenvolvimento em estágio avançado.

A 9ª SR/IPHAN realizou extenso levantamento bibliográfico sobre o Bom Retiro que possibilitou a aplicação da metodologia do Inventário Nacional de Referências Culturais (já terminado) e de uma série de outras atividades e eventos que culminaram na decisão pública de solicitar ao IPHAN o reconhecimento e inscrição do Bom Retiro como Patrimônio Imaterial do Brasil, realizado em maio de 2010.

O presente artigo contempla estudos sobre o patrimônio cultural imaterial relacionado aos imigrantes coreanos e seus descendentes. Foram selecionadas apenas seis categorias de expressões, manifestações ou lugares, dentre muitas outras, que se caracterizam como patrimônio intangível desse grupo étnico. São elas o idioma coreano, o comércio étnico, a culinária coreana, as narrativas dos moradores coreanos do bairro, o golfe como atividade esportiva e de sociabilidade, e o culto religioso cristão e outras atividades vinculadas à igreja.

É importante compreender, no entanto, que apesar da importância de cada uma dessas manifestações, expressões culturais e lugares, buscou-se entender todo o conjunto de representações como formador do patrimônio cultural imaterial dos coreanos no Bom Retiro.

#### O idioma coreano

A língua coreana é uma das expressões culturais ainda mantidas por muitas famílias de imigrantes, mesmo quando os filhos já tenham nascido ou sido criados no Brasil. É muito comum ao visitante no Bom Retiro deparar-se com grupos, inclusive de jovens, caminhando pelas ruas do bairro ou concentrados em cafés, falando coreano entre si, mesmo podendo comunicar-se fluentemente em português.

Nesse sentido, além do convívio familiar e entre amigos que promovem a prática do idioma, as creches e pré-escolas coreanas no Bom Retiro e outras instituições como a igreja, têm papel fundamental ao oferecer oportunidades para os membros da comunidade comunicar-se na sua língua mãe. O Colégio Polilogos e algumas igrejas, como a católica São Kim Degun também oferecem cursos do idioma.

Ao apresentar o relato de um de seus entrevistados, Kang (1993, p.142) em sua dissertação sobre socialização de jovens imigrantes coreanos, relata que “o conhecimento da língua coreana não é necessário apenas no convívio com outros coreanos; ele é fundamental na definição da própria identidade. Para ela [entrevistada], falar a língua é igual a ‘estar na raiz’ e pertencer à ‘linhagem coreana’”.

Não somente na sua forma oral, que o idioma é praticado pelos coreanos, mas também em sua forma escrita, principalmente por meio dos diversos jornais e tablóides produzidos pela e para a comunidade coreana em São Paulo, sem contar as mídias eletrônicas. No Bom Retiro encontram-se seis escritórios de jornais (Jornal Cristão da América Latina e Jornal Joong-Ang) e tablóides (Bom Dia News, IMOSP, News Brasil e News Namiro Brasil) como os mencionados.

#### O comércio étnico

De acordo com os relatos dos entrevistados, pôde-se perceber que no comércio étnico, ou seja, nas mercearias, padarias, lojas de presentes, papelarias, açougues etc., assim como na rede de serviços, como clínicas, escolas e restaurantes, que muitos coreanos encontram espaço para entrar em contato com outros membros da comunidade, e assim, atualizar suas práticas culturais. É nestes locais que os imigrantes têm a oportunidade de falar sua língua mãe, de trocar informações sobre familiares que permaneceram na Coreia, sobre aqueles membros da comunidade que tiveram sucesso nos negócios, discutir o passado e a situação atual do Brasil e da Coreia, estabelecem-se parcerias para negócios, discute-se a educação dos filhos, e até arranjam-se casamentos.

Muitas vezes, é na visita ao comércio que o coreano, ao encontrar seu conterrâneo conhecido fica sabendo sobre as reuniões e encontros das organizações, associações, e agenda encontros esportivos, como partidas de golfe. Principalmente os

mais idosos, que muitas vezes sentem-se mais solitários, se beneficiam dessas redes sociais estabelecidas informalmente ao caminhar pelas ruas do Bairro e passar nas mercearias.

Até mesmo aqueles que não residem em bairros de grande concentração de coreanos, costumam participar dessa rede social por meio de visitas frequentes ao Bom Retiro, por exemplo, a Entrevistada 5 menciona: “Todo sábado a gente vai lá no Bom Retiro comprar comida nas mercearias coreanas [...]”, o que pode mostrar que além da aquisição de produtos étnicos, busca-se também o contato com a colônia.

#### A culinária coreana

Atualmente encontra-se no Bom Retiro dezenas de restaurantes que se dedicam unicamente a servir pratos da culinária coreana, que atendem em sua maioria a comunidade residente ou não-residente no bairro. Nestes estabelecimentos são servidos iguarias da culinária coreana, dentre os quais estão o Bulgogui, conhecido pelos brasileiros por churrasco coreano, servido com diversos acompanhamentos como arroz, broto de feijão, batata, e o *kimchi* (vegetais, como acelga e rabanete, fermentados e apimentados), um dos pratos mais característico e consumido por coreanos.

O saber, intrínseco à receita trazida da Coreia ou aprendida e aprimorada aqui no Brasil, materializa-se na comida que motiva a reunião de familiares e amigos em festas especiais como casamentos, ou em refeições diárias compartilhadas em casa ou em restaurantes. Os ingredientes para o preparo dos pratos também podem ser adquiridos em uma das diversas mercearias coreanas no Bom Retiro, e em menor número em bairros como Aclimação e Pari.

#### As narrativas dos moradores coreanos do bairro

Desde que as primeiras levadas de imigrantes começaram a chegar ao Brasil, o seu estabelecimento no Bom Retiro e o reconhecimento do bairro atual como bairro coreano de São Paulo, formou-se um grande repertório de narrativas que contam não apenas

trajetórias individuais ou familiares, mas recontam a história da comunidade coreana em São Paulo e no Bom Retiro.

Essa referência cultural, quando mantida oralmente, talvez seja um dos patrimônios mais difíceis de ser protegido. Mas com o aumento do interesse pela pesquisa sobre características sociais da imigração coreana no Brasil, esta sendo construído, sem o auxílio de qualquer órgão preservacionista, um grande repertório de relatos e histórias sobre esse processo e essa comunidade, muitas vezes por meio do método de história oral.

Do contrário, todo esse repertório é mantido no âmbito doméstico transmitido pelas famílias de coreanos de geração para geração, ou no âmbito público em locais de sociabilidade de coreanos, como a igreja e o comércio étnico, por exemplo. Nesse sentido, ressalta-se a importância da valorização desses encontros sociais e dos lugares que promovem os mesmos.

#### O golfe como atividade esportiva e de sociabilidade

Mesmo sendo uma atividade elitizada e praticada em sua maioria pelos homens, o golfe é um dos esportes mais populares na comunidade coreana, e uma das atividades que mais bem representa o encontro do grupo de imigrantes coreanos. A Entrevistada 2 chega a dizer que “[...] o golfe é um forte concorrente da igreja. Já aconteceu com o tênis também. Eles formam associações de tenistas coreanos, e associação de golfistas, eles se dividem por idade ou por sexo, participam de campeonatos [...]”.

Apesar de não existir nenhum campo de golfe no Bom Retiro, há no bairro dois espaços em que os praticantes podem treinar suas jogadas, sem contar as lojas de equipamentos, acessórios e vestimentas para a prática deste esporte. No bairro encontra-se também a Associação Coreana de Golfe do Brasil.

#### O culto religioso cristão e outras atividades vinculadas à igreja

A grande maioria dos coreanos no Brasil é cristã frequentadora de diferentes denominações do cristianismo, como batistas, presbiterianos, testemunhas de Jeová e

católicos. De acordo com Kim (2008), há cerca de 60 igrejas voltadas para a comunidade coreana em São Paulo, sendo que mais do que 15 delas estão no Bom Retiro.

O culto religioso nos finais de semana é geralmente realizado em coreano. A possibilidade de se comunicar livremente na sua língua mãe, é para Choi (1991) um dos motivos pelo qual os coreanos se reúnem nas igrejas. Inclusive para muitos imigrantes que chegaram ainda criança no Brasil, a igreja era um dos locais onde se poderia aprender e praticar o idioma coreano. Choi (1991, p.159) sustenta que as igrejas “[...] se tornaram importantes centros de ensino de língua coreana para os descendentes, bem como se transformaram em redutos naturais da cultura [...]”.

Por oferecer uma gama de atividades que promovem o vínculo social, que vão além dos cultos religiosos, tais como encontros de jovens, viagens e almoços, a igreja é um espaço onde se trocam informações sociais. Principalmente no início da imigração coreana no Brasil, podia-se por meio dessa interação, obter informações práticas, como por exemplo, sobre acomodação, regularização de documentação, e também, trocar informações mais pessoais, sobre a família. O caso é exemplificado pelo seguinte relato:

Para alugar casa, tem que ter um fiador e muita gente não tinha RNE, em 1984 ainda. Sempre nas igrejas tem umas pessoas que a gente chama de patrono, eu apelidei de patrono, que é o cara bem de vida, que gosta assim de... não sei se de fato ele gosta de ajudar, mas é o cara que acaba ajudando. Ele se torna fiador de várias pessoas, ele ajuda financeiramente, tem um papel assim de acolhimento a igreja (Entrevistada 2).

O papel de lugar de sociabilidade fica evidente nos depoimentos que dizem que era na igreja que as pessoas criavam vínculos sociais. A Entrevistada 2 diz que “[...] acabam criando vínculos de amizade, tem pessoas que tem a mesma idade, ou pessoas mais velhas acabam acolhendo [...]”.

### **Considerações finais**

Notou-se que ao longo das últimas décadas que não somente a paisagem do Bom Retiro alterou-se, mas também o perfil do bairro foi moldado de acordo com sua

população. O que se encontra hoje é um bairro com significativas referências à cultura coreana trazida pelos imigrantes que aqui se estabeleceram a partir da década de 1960.

Pôde-se perceber que o maior vínculo dos coreanos com o Bom Retiro é a indústria de roupas prontas, que permitiu todo o desenvolvimento do bairro para tornar-lo o que se conhece atualmente. Seria um pouco arriscado concluir que o Bom Retiro só é hoje um bairro de concentração coreana em função desta indústria, no entanto, é possível afirmar que a confecção e comercialização de roupas foram os meios encontrados por este grupo de imigrantes de estabelecer-se em um local no qual pudessem imprimir sua identidade.

Por meio deste estudo, notou-se que as relações e as redes de sociabilidade e solidariedade ali estabelecidas permitiram a compreensão do que chamamos de patrimônio cultural imaterial, ou referências culturais do bairro que remetem à presença e contribuição coreana no bairro.

As seis referências listadas anteriormente, a culinária, o idioma, o golfe, as atividades da igreja, o comércio étnico e as narrativas são exemplos da expressão cultural dessa comunidade, que assim como muitas outras, são formadoras da(s) identidade(s) paulistana(s). Vale ressaltar que esta lista de seis representa apenas uma amostra da vasta gama de referências que poderíamos listar e estudar.

Em comum entre todos esses patrimônios, considera-se o fato de todos serem criados e mantidos pela comunidade. A prática diária e corriqueira dessas atividades mostra a sua importância como representação da cultura em sua forma atual.

Evidencia-se assim, a relevância e a necessidade de projetos como aquele sendo desenvolvido pelo 9ª SR/IPHAN em salvaguardar a patrimônio cultural que confere noção de pertencimento e conseqüentemente de identidade à cidade de São Paulo tão diversificada como é.

### **Referências bibliográficas**

CHOI, Keum Joa. **Além do arco-íris: a imigração coreana no Brasil**. Dissertação (Mestrado em História Social) – FFLCH-USP. São Paulo, 1991.

DERTÔNIO, Hilário. **O bairro do Bom Retiro**. História dos bairros de São Paulo. São Paulo: Departamento de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura

Municipal de São Paulo, 1971.

FONSECA, Maria Cecília. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (org.). **Memória e patrimônio**. Ensaio contemporâneos. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Inventário de referências culturais do Bom Retiro**. Multiculturalismo em situação urbana. São Paulo: 2010. CD-ROM.

KANG, Sam. **Socialização de jovens imigrantes coreanos**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia-USP. São Paulo, 1993.

KIM, Yoo Na. **A jovem Coréia**. Um almanaque sobre uma das imigrações mais recentes do Brasil. São Paulo: SSUA Editora, 2008.

KOWARICK, Lúcio. Áreas centrais de São Paulo: dinamismo econômico, pobreza e políticas. São Paulo, **Lua Nova**, n. 70, p.171-211, 2007.

PÓVOA, Carlos Alberto. **A territorialização dos judeus na cidade de São Paulo-SP: a migração do Bom Retiro ao Morumbi**. Tese (Doutorado). FFLCH-DG. São Paulo, 2007.

SANTOS, Marcio Pereira. **O Bom Retiro: uma paisagem paulistana**. Dissertação (Mestrado). FFLCH-DG. São Paulo, 2000.

SILVA, Sidney Antonio. **Costurando sonhos**. Etnografia de um grupo de imigrantes bolivianos que trabalha no ramo da costura em São Paulo. Dissertação (Mestrado em Antropologia). FFLCH-USP. São Paulo, 1995.

TOJI, Simone. Bom Retiro: o multiculturalismo dentro e fora da sala de aula. In: SCIFONI, Simone (org.). **Bom Retiro: memória urbana e patrimônio cultural**. Coletânea de textos para educação patrimonial. São Paulo: 9ª SR/IPHAN, 2007.

TRUZZI, Oswaldo. Etnias em convívio: o bairro do Bom Retiro em São Paulo. Rio de Janeiro, **Estudos Históricos**, n. 27, 2001, p.143-166.